

CARTAS DOS LEITORES: UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO

Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca (UERJ/FCCAA)
aytelfonseca@yahoo.com.br

1. Considerações iniciais

Já é consensual, entre estudiosos da linguagem e professores, a importância da análise minuciosa do funcionamento dos gêneros textuais, nos quais se baseia toda e qualquer interação social pela língua. Tendo como foco essa relevância do tema, o presente trabalho pretende propor uma descrição detalhada das cartas dos leitores, gênero discursivo presente, sobretudo, na mídia impressa, em que assume diversas configurações e propósitos comunicativos, como o de comentar criticamente as notícias e as reportagens.

Para se alcançar esse objetivo, estipulou-se um roteiro: em um primeiro momento, localizam-se as cartas dos leitores no universo mais amplo das cartas, descritas em linhas gerais; e, em uma segunda etapa, após breve explanação da teoria bakhtiniana sobre gêneros, elencam-se as propriedades sociocomunicativas, temáticas, composicionais e estilísticas das correspondências enviadas à redação. Tomaram-se como objetos de estudo cartas publicadas no jornal carioca *O Globo* durante o segundo semestre de 2010.

A relevância de um trabalho como o agora proposto encontra-se na possibilidade de servir de base teórica para a elaboração de atividades de leitura, de análise linguística e de produção textual para alunos de qualquer nível de ensino.

2. Carta: um gênero híbrido

As cartas – também conhecidas como correspondências, missivas ou epístola – surgiram ligadas às atividades burocráticas na Grécia e na Roma antigas. Por meio delas, o Estado divulgava ordens, leis, proclamações, pronunciamentos, comandos militares, construindo um acervo de documentos legais ou oficiais. A Igreja Católica, na fase de expansão de Roma e no período medieval, também fazia largo uso das correspondências para administrar e controlar seus novos territórios.

Somente em meados do século XIX, primeiro na Inglaterra e depois em outros países europeus e na América do Norte, as cartas assumiram o perfil que se conhece atualmente, estabelecendo contatos íntimos e familiares, mas apenas entre indivíduos incluídos em uma sociedade aristocrática e intelectual (SILVA, 2002).

Desde o seu surgimento, os teóricos interessados no estudo do gênero epistolar (ANDRADE, 2006, CUNHA, 2005, MELO, 1999, SILVA, 1988, VALENTIN, 2006) são unânimes ao apontarem o caráter híbrido, heterogêneo, “elástico” das cartas, quanto à multiplicidade de assuntos veiculados e de propósitos comunicativos assumidos.

Identificam-se, basicamente, dois grandes tipos de cartas. As privadas, mais restritas ao âmbito familiar, tratam de temas pessoais, normalmente adotando um registro simples e coloquial. Em conjunto, revelam a história de um relacionamento amoroso, de uma amizade, de uma família etc., por pertencerem ao grupo dos textos confessionais.

A outra categoria de correspondências são as públicas, um enorme conglomerado de cartas ligadas aos mais variados domínios discursivos: financeiro, jurídico, religioso, educacional, cultural, jornalístico etc. Ao contrário das privadas, costumam instituir uma relação assimétrica entre os interlocutores, com um movimento comunicativo de “mão única” – do remetente para o destinatário – com menos espaço para respostas, réplicas, privilegiando ainda um registro de linguagem mais formal. Mencionam-se vários exemplos de cartas da esfera pública: circular, carta aberta, de alforria, de crédito, de cobrança, de apresentação, de recomendação etc.

2.1. O que caracteriza uma carta

Apesar de todas as diferenças existentes entre os inúmeros modelos de carta, constatam-se alguns pontos em comum:

2.1.1. Distância entre os interlocutores

A ausência é o que justifica o envio de correspondências. Escreve-se apenas para evocar pessoas com as quais não se pode, a princípio, estabelecer um contato direto. Com as cartas, sobretudo as pessoais, cria-se a impressão de presença do signatário, como se ele, metonimicamente, por meio da caligrafia, da materialidade da letra, se corporificasse na

frente do destinatário – à semelhança do que afirma o filósofo romano Sêneca (04 a.C. – 65 d.C.), em um expressivo depoimento transcrito no trabalho elaborado por Tin (2005, p. 24) a respeito das primeiras sistematizações sobre a composição das missivas:

Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que, imediatamente, fiquemos na companhia um do outro. Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como consolação ainda que ilusória e fugaz, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente?

Com o advento do telefone e da internet, porém, as cartas têm sido muito menos usadas para encurtar a distância entre as pessoas, que agora fazem cada vez mais ligações, enviam *e-mails*, escrevem em páginas das redes sociais etc. No caso específico do correio eletrônico, parece haver não uma eliminação das correspondências, mas uma adaptação, haja vista a permanência de algumas características do gênero tradicional.

2.1.2. Presença de interlocução

As cartas, quase sempre, estabelecem um diálogo efetivo entre os interlocutores, uma vez que o envio de uma correspondência exige a resposta do outro, iniciando uma espécie de conversação – daí dizer que o gênero epistolar aproxima-se bastante da oralidade, pertencente ao universo dos textos mistos ou híbridos.

Cícero (106-43 a.C.), intelectual romano, declara, a respeito, em uma carta enviada ao seu parceiro Ático e transcrita por Tin (2005, p. 21): “Eu, apesar de nada ter para te escrever, ainda assim escrevo, pois parece que falo contigo”. A simulação de uma conversa face a face cria a sensação de contato íntimo entre os interlocutores.

2.1.3. Recorrência de elementos estruturais

Os vários tipos de cartas apresentam uma estrutura semelhante (com possíveis mas raras adaptações), oriunda do histórico de usos:

2.1.4. Cabeçalho

O cabeçalho ancora o texto em uma situação comunicativa concreta, ao especificar o lugar e a data em que se redigiu a missiva. Por isso, desempenha uma função contextualizadora.

2.1.5. Saudação e vocativo

Costumam seguir esquemas estereotipados (“Prezado...”, “Caro...” etc.), com o objetivo de se iniciar a interação. Na maioria das vezes, manifestam uma atitude de polidez do remetente em relação ao destinatário, além de constituir um indício do tipo de vínculo existente entre eles.

2.1.6. Corpo do texto

Traz o conteúdo, a “carga informativa” da correspondência. Em seu início, é comum o enunciador expressar o motivo do contato, justificar a demora na resposta, declarar sentimento de saudade etc. Já nas últimas linhas, anuncia-se o término da “conversa” – um pré-encerramento.

2.1.7. Despedida e assinatura

Tal como a saudação, a despedida atrela-se a formas linguísticas consagradas (“Atenciosamente”, “Abraços” etc.), que também evidenciam a natureza da relação entre os interlocutores. A assinatura, quase sempre explícita, pode trazer o nome completo do remetente, comum em textos mais formais, ou alguma forma abreviada ou mesmo um apelido, típicos em situações íntimas.

Mesmo com essas as semelhanças existentes entre os tipos de correspondência, são as diferenças, os pontos divergentes que predominam, apontando para a necessidade de se considerar o termo “carta” como um rótulo para inúmeros subgêneros, especificados – segundo recomendação de Silva (1988) – pelos seus respectivos propósitos comunicativos: expressar sentimentos (carta pessoal), dirigir-se publicamente a alguém (carta aberta), oferecer crédito a um comerciante (carta de crédito), direcionar uma mensagem a vários destinatários simultaneamente (circular) etc.

No presente trabalho, concebe-se, então, a carta do leitor – também chamada de carta à redação – como um subgênero da esfera pública, definido por propriedades detalhadas a seguir.

3. *Os gêneros do discurso*

O termo “gênero” tem espaço nos estudos linguísticos desde o desenvolvimento da cultura greco-latina, quando era aplicado à classificação dos textos apenas do universo literário. Já na primeira metade do século XX, a partir das reflexões de Mikhail Bakhtin, o conceito passou por uma significativa reformulação, abarcando todas as outras “esferas da comunicação. Emerge, assim, a ideia de *gênero do discurso*”, hoje muito incorporada às discussões sobre ensino de língua, ainda que às vezes de modo destoante da sua versão original.

Bakhtin (2010), com sua meta de pesquisar os usos linguísticos, relegando os estudos pautados apenas no sistema, afirma que qualquer âmbito de atividade humana pressupõe o manuseio da linguagem, em ambas as modalidades (oral e escrita). Na vida familiar, por exemplo, travam-se conversas cotidianas, redigem-se bilhetes, listas de compras, leem-se manuais de instrução, bulas de remédio etc. No trabalho, trocam-se *e-mails* e outras correspondências, elaboram-se relatórios e atas, promovem-se discussões, exigem-se atestados, declarações etc. O mesmo se diz sobre o convívio na escola, na igreja, na vida política, e assim por diante.

Tais esferas de ação determinam, portanto, o surgimento de “tipos” de enunciado – com uma configuração mais ou menos fixa – que suprem as necessidades comunicativas dos sujeitos envolvidos em seus diferentes afazeres, e que mudam de configuração de acordo com as alterações pelas quais passa o contexto social em que se inserem.

Chega-se, então, a no mínimo duas conclusões: (a) as interações entre os indivíduos sempre ocorrem por meio da linguagem, que, por sua vez, se materializa em textos somente se articulada com os usos que possibilita, e (b) quanto maior a diversidade de atividades humanas, maior o número de categorias de enunciados, o que não invalida, porém, a unidade nacional de uma língua.

A partir dessas constatações, Bakhtin (2010) formula sua definição de gênero do discurso, concebido como um “tipo relativamente está-

vel de enunciado”, sempre incorporado a uma esfera de ação, em que assume funções sociocomunicativas, além de apresentar:

- um *conteúdo temático*: o domínio de assunto inerente ao gênero, e não a um texto em particular. As fábulas falam sobre lições de vida, editoriais abordam temas polêmicos e atuais, conversas espontâneas expõem temas triviais, cotidianos etc.;
- uma *construção composicional*: o modo de se estruturar um gênero, marcado por uma “silhueta” específica. As receitas culinárias dividem-se em dois blocos (ingredientes e modo de preparo), os poemas apresentam-se em estrofes, os dicionários dividem-se em verbetes etc.;
- e um *estilo*: as escolhas linguísticas típicas do gênero, referindo-se, basicamente, à seleção lexical e à estruturação das orações. Em uma ata, notam-se frases cristalizadas; em uma bula, priorizam-se termos técnicos; em um classificado, dispensam-se preposições, conjunções e verbos.

Deve-se acentuar o caráter “relativamente estável” dos gêneros do discurso, uma vez que os tipos de enunciado podem sofrer mudanças em suas características em conformidade com novas demandas dos sujeitos que deles fazem uso, o que justifica a transformação de determinado gênero em outro, esmorecendo, por vezes, a fronteira entre eles. Os atualíssimos torpedos (SMS) enviados por celular, por exemplo, guardam muitas semelhanças com os tradicionais bilhetes, os blogs lembram as páginas de um diário, entre outros casos.

Diante do vasto universo dos gêneros do discurso – um acervo aberto e indeterminado – Bakhtin instituiu uma divisão em dois grupos:

- os *gêneros primários*: aqueles ligados à vida prática, à interação espontânea do dia a dia, quase sempre orais. Possuem ainda estreita relação com um contexto mais imediato, como o bate-papo, o telefonema, a piada etc.;
- os *gêneros secundários*: aqueles integrantes de esferas comunicativas mais elaboradas, como a jornalística, a jurídica, a religiosa, a filosófica. Incorporam e transformam os gêneros primários, na maioria das vezes por meio do código escrito. Como exemplos, mencionam-se as reportagens, as resenhas, os discursos oficiais etc.

De acordo com Bakhtin, as cartas – como um grupo homogêneo – enquadram-se no primeiro caso, mas, com base na definição dos gêneros secundários, em que se alude ao domínio jornalístico, podem-se incluir neste rol as cartas dos leitores, delimitadas por propriedades sociocomunicativas, temáticas, composicionais e estilísticas.

4. *Funções sociocomunicativas*

As funções sociocomunicativas dos gêneros somente são identificadas quando se considera a inserção dos textos em seus domínios discursivos (“esfera de ação”, na teoria bakhtiniana), concebidos como “uma instância de produção discursiva ou de atividade humana” (MARCUSCHI, 2005, p. 23). Fala-se em domínio religioso, domínio jurídico, domínio pedagógico etc. Em cada um deles, o indivíduo concretiza seus propósitos comunicativos por meio do emprego de gêneros específicos. Assim, no domínio religioso, encontram-se a jaculatória, a novena, a ladainha, o cântico; no jurídico, a petição, o requerimento, o *habeas corpus*, a sentença; no pedagógico, a prova, o questionário, a aula expositiva etc.

As cartas dos leitores pertencem ao domínio jornalístico, que engloba tanto os gêneros predominantemente informativos (notícia, nota, resumo de novela, previsão do tempo, programação de tevê, sinopse de filme, errata), quanto os predominantemente opinativos (editorial, reportagem, artigo de opinião, entrevista). Estes gêneros, por pertencerem à mesma esfera de atividade humana, tendem a manter uma relação entre si, principalmente quanto ao tema abordado. Nas cartas dos leitores, por exemplo, verificam-se, com frequência, alusões a artigos de opinião, reportagens, editoriais de edições anteriores.

Os jornais e as revistas, como suportes, costumam destinar uma seção – quase sempre onde se concentram os gêneros da esfera opinativa – para que se publiquem os textos dos leitores. Os títulos escolhidos para as seções são distintos, mas guardam similaridades: “Caixa postal” (*Época*), “Conexão” (*O Dia*), “Opinião” (*Extra*), “Dos leitores” (*O Globo*), “Leitor” (*Veja*).

Nesses espaços, os sujeitos expressam pontos de vista sobre algum tema polêmico atual, parabেনizam ou criticam reportagens publicadas em edições passadas, denunciam problemas urbanos, exigindo atitu-

des enérgicas das autoridades, entre outras possibilidades. Veja-se um exemplo:

A imprensa toda está fazendo o maior chororô porque o presidente Lula disse que algumas revistas e jornais se comportam como um partido político. E ele não está certo? O GLOBO, por exemplo. Não faz abertamente uma campanha para o candidato do PSDB, José Serra? Ou não? Vão dizer que não? Produzem matérias tendenciosas e até pedem votos para tal candidato! A coluna de hoje (22/09/10) do Zuenir Ventura nada mais é do que o desespero dos pseudointelectuais e dos jornalistas da elite (D. B. S. S.).

(*O Globo*. Rio de Janeiro: 23 de setembro de 2010, p. 08)

No texto, o leitor manifesta seu apoio a uma declaração do ex-presidente Lula, que criticou o papel da imprensa, tachando-a de partidária. Com a intenção de fundamentar sua opinião, menciona a coluna de um jornalista do próprio *O Globo*, voltada, segundo ele, para o interesse de apenas um segmento social.

O mesmo tema suscitou, porém, diferentes pontos de vista, criando um verdadeiro debate público, com conflito de opiniões:

Lula e seu eterno vício de dar palpites sobre todos os assuntos, ainda que nada saiba a respeito. O resultado só pode ser desastroso. É desse modo que entendo sua última declaração sobre a função da imprensa na cobertura das eleições. Se não me engano, já ouvi o mesmo presidente afirmar que não gosta de ler jornais... (A. M. T. N.).

(*O Globo*. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2010, p. 08)

Comprova-se, por meio destes exemplos, que as cartas dos leitores servem como um importante instrumento para o sujeito anônimo, que a princípio não teria espaço na mídia, tornar públicas suas reivindicações, fazer ouvir sua voz, ainda que destoante da ideologia predominante no jornal ou na revista. Escrever, nesse caso, significa usar do direito à palavra, na tentativa de interferir na ordem das coisas do mundo.

Ao contrário das correspondências pessoais, as cartas dos leitores direcionam seus intentos comunicativos a um público geral, indeterminado, e não a um destinatário conhecido, individualizado. Como declara Melo (1999, p. 23), “a carta do leitor é uma correspondência entre *estranhos*”. Mesmo nos casos em que o autor se dirige a uma pessoa em particular, como no exemplo a seguir, os receptores são os leitores como um todo:

Muito bem, *Marina*, não tem que apoiar ninguém. Cada um vota em que achar melhor, e pronto. *Você* tem 20% dos brasileiros a *seu* lado. *Siga seu ca-*

minho como tem sido até agora: com ética, sabedoria e politicamente correta e, quem sabe, em 2014 teremos *você* na Presidência (S. M. C. R.).

(*O Globo*. Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2010, p. 08)

A interpelação à candidata à Presidência Marina, por meio de alguns elementos linguísticos (vocativo, verbos e pronomes) é simulada, funcionando como um recurso, uma estratégia para potencializar a força argumentativa do texto.

Além disso, para que se instaurasse uma intimidade entre os interlocutores, a troca de epístolas deveria ser constante, o que não é permitido na seção dos leitores, já que se nota uma rotatividade considerável de remetentes, e o editor ou outro responsável pelo jornal não costuma responder aos leitores.

5. *Conteúdos temáticos*

Nos textos dos leitores, os temas mais recorrentes – cerca de 80% do total – são aqueles que compõem a chamada “agenda social”, com questões referentes à política, à economia e à cultura, ora limitadas apenas a cidade do Rio de Janeiro, ora englobando o país e mesmo o mundo.

A parcela menor dos assuntos tratados pelos leitores aponta para problemas pessoais ou mais localizados, quase sempre denunciando o mau funcionamento de algum serviço público, como saúde, educação, segurança e transporte.

Na carta abaixo, com tom marcadamente pessoal, denuncia-se o descaso da empresa responsável pelo fornecimento de água em atender às necessidades dos moradores de um bairro do subúrbio carioca. Com o propósito de atribuir maior ênfase ao seu apelo, a autora relata sua rotina cansativa e fala do drama vivido pelos pais enfermos:

Moro na Rua Delfina Enes, na Penha, e estamos há uma semana sem água. Meu marido foi várias vezes à Cedae da Rua Cuba, sendo informado que não podem nos enviar um carro-pipa porque há outros pedidos na frente. Nossa conta está em dia! Meus pais, com 83 e 89 anos, são doentes e precisam de cuidados, como tomar vários banhos ao dia. Trabalhando fora, eu não tenho como ficar pegando baldes de água com os vizinhos. A Cedae alega que a falta é consequência da baixa de água no Guandu. Mas só na minha casa e nas casas próximas? (S. A.)

(*O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 2010, p. 8)

As possibilidades de temas são tão numerosas, que se publicam, por vezes, cartas sobre assuntos inusitados, dificilmente contemplados em reportagens ou em outros gêneros da esfera jornalística:

Quando é que os industriais deste país vão acordar e descobrir que estamos no século XXI e que o(a) brasileiro(a) cresceu e engordou, como no mundo inteiro? É urgente a necessidade de se fabricar calçados/chinelos maiores que o nº 44; ternos/blazer maiores que o nº 50; calças/bermudas maiores que o nº 46; camisas acima do nº 5; *t-shirt*/camisetas acima do GG etc. Hoje, qualquer menino de 15 anos calça e veste acima dos números disponíveis nas lojas. E aí? Como fazer? Comprar onde? (C. B. B.).

(*O Globo*. Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 2010, p. 8)

6. *Propriedades composicionais*

Como visto, aponta-se a composição como um dos poucos elementos recorrentes no extenso universo das correspondências. Nas cartas dos leitores, verifica-se, contudo, uma rara subversão da estrutura canônica das cartas em geral:

- *cabeçalho*: não se divulga a data da escrita de cada uma das cartas, uma vez que se publicam somente as atuais (a maioria, do dia anterior), que abordem temas em pauta no jornal. Já o local (a cidade) de origem da correspondência aparece logo abaixo do nome do autor;
- *saudação e vocativo*: como as cartas são destinadas a um leitor geral, não se observa a seção de contato inicial entre os interlocutores, separada do corpo do texto por um espaço em branco, mesmo no caso em que se simula uma interação com um destinatário específico. Em vez da saudação, aparece um título – certamente atribuído pelo jornal – reunindo um número variado de cartas que discutem o mesmo assunto;
- *corpo do texto*: as mensagens são curtas, sempre em prosa, e condensadas em apenas um parágrafo;
- *despedida e assinatura*: inexistente a seção de despedida, o que talvez seja explicado pelo fato de o remetente não se dirigir a uma pessoa ou a um grupo bem delimitado. Ao final, aparece o nome completo do autor – nunca um apelido, como em cartas pessoais. Quando o signatário representa um órgão público ou uma

instituição privada, a assinatura é acompanhada de uma pequena apresentação, explicitando o cargo que ocupa.

Entende-se o número reduzido de elementos estruturais das cartas dos leitores quando se constata a necessidade de o jornal publicar o maior número possível de textos em uma única página. Em *O Globo*, a média é de vinte por dia. Além disso, os editores podem alterar a versão original, buscando maior concisão, como se confirma nas normas de publicação, divulgadas diariamente:

O Globo acolhe opiniões sobre todos os temas. Reserva-se, no entanto, o direito de rejeitar acusações insultuosas ou desacompanhadas de documentação. Também não serão publicados elogios ou agradecimentos pessoais. Devido às *limitações de espaço*, será feita uma seleção das cartas e quando não forem suficientemente concisas, serão publicados os trechos mais relevantes.

(*O Globo*. Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 2010, p. 8)

Esse tipo de procedimento tende a dificultar a livre expressão dos leitores, haja vista a possibilidade de o jornal omitir informações contrárias aos posicionamentos assumidos por seus responsáveis. Dependendo ainda do tipo de alteração realizada – se mais ou menos significativa – pode-se mesmo afirmar que a carta do leitor é um gênero discursivo de coautoria, o que não consistiria em um problema, caso as mudanças fossem aprovadas por quem iniciou o processo de escrita.

Evidencia-se, então, que o poder outorgado ao leitor de escolher o tema e a forma dos seus textos é bem limitado quando confrontado com o do jornal, a quem se atribui o direito à palavra final.

7. *Estilo*

As escolhas linguísticas, nas cartas dos leitores, atrelam-se – como não poderia deixar de ser – a fatores da situação comunicativa, como o projeto de dizer assumido pelo enunciador e, principalmente, a imagem que este pretende construir frente aos seus interlocutores. Por isso, a dificuldade em se identificar *um* estilo específico do gênero discursivo em questão.

Não obstante a dificuldade, observam-se, dois grupos de cartas – um mais e outro menos homogêneo – que materializam escolhas linguísticas peculiares.

De um lado, as correspondências enviadas por autoridades – indivíduos conhecidos da grande parte do público-alvo do jornal ou integrantes de empresas privadas ou órgãos públicos, e intimados por algum leitor a prestar satisfação, a esclarecer alguma dúvida sobre seus produtos e serviços. No total, as cartas das autoridades representam apenas 2% dos textos divulgados, mas recebem um tratamento diferenciado dos editores, ganhando um espaço maior, certamente publicadas na íntegra.

No exemplo a seguir, uma funcionária da Secretaria Municipal de Obras do Rio de Janeiro responde a um leitor, detalhando obras realizadas no bairro de Cavalcanti:

Padronizar calçadas

Em atenção à carta do leitor Luiz Bento (13/09), a Secretaria municipal de Obras lamenta o transtorno e informa que está padronizando as calçadas do bairro de Cavalcanti, dentro da execução do projeto Bairro Maravilha. Estão sendo executadas obras para recuperar pavimentação, sistema de drenagem e, como citado pelo leitor, construção e reforma de 190 mil metros quadrados de calçadas no bairro. A Secretaria informa que já concluiu a intervenção nas ruas Joaquim Norberto, Porto Calvo e Lírios. As demais obras em andamento serão finalizadas até o fim de outubro (T. H., *assessora-chefe de Comunicação da Secretaria Municipal de Obras do Rio de Janeiro*).

(*O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 2010, p. 8)

Constata-se a escolha de um registro formal, caracterizado por uma linguagem a par da variedade padrão do português e por um vocabulário, se não erudito, ao menos mediano, com palavras não integrantes do acervo gírio. Além disso, não há qualquer marca de interação que aponte ou para o leitor ou para o enunciador, que fala sempre em nome da instituição: “... a *Secretaria Municipal* lamenta...”, “A *Secretaria* informa...”. Lança-se o foco sobre o conteúdo, o referente da mensagem, atribuindo-se à composição um alto grau de objetividade.

Por meio das escolhas linguísticas feitas pela assessora de comunicação, a Secretaria passa uma imagem de seriedade, adequando-se à expectativa geral de como uma instituição deve se apresentar publicamente.

De outro lado, há as correspondências envidadas pelo leitor anônimo, um conjunto indeterminado de indivíduos, que declaram os mais variados propósitos comunicativos e instauram diferentes modos de interação.

Em alguns casos, atina-se com cartas com um tom bem descontraído, alcançado com o emprego de vocábulos mais informais e com a “desobediência” às regras da gramática normativa:

Assisti na TV os traficantes fugindo do Complexo do Alemão. Parecia um bando de coelhinhos assustados, fugindo pelo mato. A sorte deles é que o Rambo não mora no Rio! (J. J. S. A.).

(*O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 2010, p. 8)

Ao comentar a ocupação de favelas do Rio de Janeiro pelo poder público, o autor opta por uma regência não-padrão do verbo “assistir” (transitivo direto), por uma seleção lexical mais popular e por outros recursos que garantem comicidade e leveza ao texto, como a comparação feita entre “bandidos” e “coelhinhos”, e a referência a um famoso personagem do cinema conhecido por sua força.

Já em outros casos, nota-se uma preocupação do enunciador em se submeter aos ditames da norma padrão da língua (“Assisti atônito à incursão...”, “Impressionou-me...”) e em selecionar um vocabulário menos informal (“atônito”, “incursão”):

Assisti atônito à incursão das forças de segurança ao Complexo do Alemão. Impressionou-me a quantidade de drogas e armas apreendidas. Tudo foi levado para um batalhão da Polícia Militar. Mas qual o risco que corremos se esse material retornar para as mãos dos criminosos? (E. M. P.)

(*O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 2010, p. 8)

Nos dois exemplos, os autores marcam-se no enunciado, por meio de verbos na primeira pessoa do singular (“Assisti”) e do plural (“corremos”) e de frases exclamativas (“A sorte deles é que o Rambo não mora no Rio!”) e interrogativas (“Mas qual o risco que corremos se esse material retornar para as mãos dos criminosos?”), que evidenciam seus “estados de espírito”, acentuando o grau de subjetividade do texto.

Mais raras, na seção “Dos Leitores”, são as cartas cujos autores distanciam-se do que escrevem, priorizando formas impessoais:

A vitória de Dilma

A vitória de Dilma Rousseff é uma vitória do povo brasileiro – sobretudo dos mais pobres – e do Brasil. Dilma dará continuidade ao projeto iniciado no governo Lula, que tirou dezenas de milhões de brasileiros da linha da pobreza, aumentou o valor real do salário mínimo e o consumo interno, criou milhões de empregos e colocou o Brasil num novo patamar no cenário mundial, agora como protagonista e ativo e não mais como coadjuvante submisso (R. K.).

(*O Globo*. Rio de Janeiro, 01 de novembro de 2010, p. 8)

Chega-se, então, a uma síntese das características das cartas dos leitores, com base na teoria sobre gênero do discurso desenvolvida por Bakhtin (2010):

Cartas dos leitores	
Funções sociocomunicativas	Variadas: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar
Conteúdo temático	Temas ligados à agenda social e a problemas urbanos específicos
Forma/Composição	Estrutura reduzida (um parágrafo), sem cabeçalho, seção de contato e de despedida
Estilo	Variado, a depender de elementos contextuais

8. Considerações finais

Apesar das inúmeras diferenças encontradas nos exemplos analisados nesse estudo (o que corrobora a ideia de que os gêneros, como disse Bakhtin, são tipos “relativamente estáveis” de enunciado), foi possível fazer um levantamento das principais propriedades linguísticas e discursivas das cartas dos leitores.

O mesmo procedimento teórico-analítico pode ser adotado para a descrição de cartas dos leitores publicadas em outros jornais (além de *O Globo*) ou em mídias de outra natureza, ou ainda empregado no detalhamento de quaisquer gêneros emergentes ou pouco investigados. Em qualquer caso, será sempre oportuno constatar a riqueza de usos que a língua possibilita aos seus falantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O. Cartas do editor em revistas brasileiras: marcas do envolvimento. In: PRETI, Dino (Org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006, p.129-160.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

CUNHA, Anna Carla de Oliveira Dini. *Uma história de constituição de um gênero discursivo em sala de aula: cartas*. Dissertação de mestrado, Unicamp, Campinas, 2005.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SILVA, Vera Lúcia Paredes. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Tese de doutorado, UFMG, Belo Horizonte, 2002.

TIN, Emerson (Org.). *A arte de escrever cartas: Antônio de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio*. Campinas: Unicamp, 2005.

VALENTIN, Claudia Atanazio. *O romance epistolar na literatura portuguesa da segunda metade do século XX*. Tese de doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.